

CAPÍTULO 31

COLETIVOS ARTÍSTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES COM SABERES PARA A HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ARTE BRASILEIRA

Renan Batschauer
Roseli Kietzer Moreira

RESUMO

Este artigo tem como finalidade relacionar aspectos históricos, artísticos e culturais entre a Semana de Arte Moderna e o Coletivo Colmeia. A pesquisa se justifica como forma de contribuir para a história e a memória da arte brasileira por meio desses dois eventos. Em 2022, a Semana de Arte Moderna completou seu centenário de existência, e o Coletivo Colmeia, evento multicultural que reúne artistas de diversas áreas em Blumenau (SC), completou uma década de intervenções e manifestações artísticas. O conhecimento de história da arte nacional e local são de extrema importância para professores de Artes. A metodologia aplicada neste estudo teve por base a pesquisa bibliográfica. Os resultados revelam a força e relevância dos grupos artísticos, e que a Semana de Arte Moderna assim como o Coletivo Colmeia foram e continuam sendo significantes para as artes, pois contribuem para a memória cultural por meio da representatividade de seus artistas e de suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Arte-educação. História da arte. Semana de Arte Moderna. Coletivo Colmeia.

1. INTRODUÇÃO

Em vários momentos da história da arte, artistas e movimentos se constituíram para modificar um ambiente, ideias e políticas na ocupação de determinados espaços das cidades. Como exemplo, cita-se o grupo “Fluxus”, na Europa e EUA, na década de 60, que seria um coletivo artístico que manifestava sua arte por meio de objetos e a união de diversas linguagens da arte em relação ao contexto da época. Já no contexto nacional, tem-se o exemplo de artistas brasileiros em pleno início do século XX com a Semana de Arte Moderna. Esses grupos citados se constituem como coletivos de pessoas com os mesmos propósitos ideológicos, filosóficos e artísticos. Os movimentos das vanguardas artísticas articulam com a sociedade em seu contexto de atuação.

Neste trabalho, buscou-se relações de similaridade entre a Semana de Arte Moderna de 1922, em que um grupo de artistas da época, considerado à margem da elite paulista, ocupou um espaço cultural de muita representatividade, o Teatro Municipal de São Paulo; e o Coletivo Colmeia, evento multicultural que acontece todos os anos na cidade de Blumenau (SC). Em 2022, o Colmeia, Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas, cumpriu seus dez anos de existência, e a Semana de Arte Moderna chegou ao seu centenário aniversário.

Com sua gênese no ano de 2012, o Colmeia é referenciado e inspirado nas abelhas como símbolo principal do evento que reúne várias vertentes das linguagens artísticas. O Coletivo cultural é a unificação de classes artísticas independentes no município de Blumenau com foco na cultura alternativa e marginal da cidade que não se enquadram com a cultura germânica estabelecida. Esses grupos são compostos por manifestantes do Hip Hop, músicos (bandas), grupos de teatro, poetas, artesãos e artistas visuais.

A pesquisa revela as origens do grupo Colmeia; quais foram suas aspirações iniciais e seus principais ideais; e os agentes que arquitetaram a gênese do Coletivo para conhecer sobre seus propósitos e agregar ao registro histórico da arte local e regional. O Coletivo tem seu início com a união de artistas independentes que não conseguiam espaço para expressar sua arte na cidade. A ideia inicial se dá com uma virada cultural nomeada “Nosso Inverno”, posteriormente modificada para Colmeia.

Dessa forma, serão analisados de forma breve os dois eventos culturais, observando os perfis e suas contribuições para a história da arte nacional e local. A importância aqui, diante desses dois momentos, é evidenciar sua relevância sociocultural, o que agregaram para seus ambientes de contatos, e o impacto que os dois espaços ocupados pelos grupos tiveram na sociedade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico divide-se em duas partes: inicialmente apresenta-se a Semana de Arte Moderna, seus artistas e eventos; no segundo momento, contextualiza-se o Coletivo Colmeia Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas.

2.1 Semana de Arte Moderna

O início do século XX é considerado um momento emblemático para a história e a cultura brasileira. O Brasil passou por várias modificações como a existência de novas fábricas e um alto percentual de imigrações, da Europa especialmente, ressaltadas pela Primeira Guerra Mundial. Assim, ocorre uma transição no campo sociocultural no âmbito regional e nacional, que nesse contexto resulta em novos movimentos políticos anarquistas desses novos povos na sociedade brasileira, e surgem algumas necessidades como “à espera de uma arte nova que exprima a saga desses tempos e do porvir” (BRITO *apud* PROENÇA, 2011, p. 24).

Anteriormente à Semana, aparecem vários pensadores brasileiros que começam uma manifestação sobre o que se reverberava na época, trazendo reflexões como

[...] Nós como o caboclo, “tocamos fogo na mataria”, porque não se planta sem derrubar. As chamas sobem altíssimas, fogem assoviando, serpentes fascinadoras. Só ficam os jequitibás, jacarandás, guaruçaras, cabreúvas, timburis. [...] Felizes os que vierem depois de nós para colher o que plantamos (MORAES *apud* AMARAL, 1970, p. 99).

Esses autores trazem o sentido destruidor, entre o tradicionalismo e internacionalismo, no sentido em que nessa época, com grandes influências culturais estrangeiras elitistas, havia um certo movimento que exaltava uma valorização do que a cultura popular brasileira possuía. Mário de Andrade, um dos grandes pensadores e idealizadores da Semana e do movimento futurista no país, traz uma reflexão posteriormente, 25 anos após a Semana, que se não houvesse uma atitude por um ângulo legitimista da defesa da nacionalidade, não teria significância na luta a repulsa ao estrangeiro (AMARAL, 1970). O autor Monteiro Lobato, escritor e crítico desse movimento, alegava que existia um certo internacionalismo dos modernistas, por ter influências europeias.

Os modernistas desejavam uma linguagem, uma comunicação literária com visual, mais de acordo com seu tempo, é certo. E iam buscar as idéias para essa nova linguagem nas experiências iniciadas na Europa. Foi, porém, precisamente o sentido do nacional que os levou – no entusiasmo do industrialismo crescente paulista – a cantar aquilo que é nosso, a analisar e estudar as fontes mais tradicionais de inspiração, como já vimos em movimento que se antecipa à Semana, no surgimento do neocolonial brasileiro na arquitetura, como posteriormente a ela, com os estudos de nossa tradição indígena (como as realizadas por Vicente do Rêgo Monteiro e Regina Gomide Graz a partir de 1923), ou com o nativismo propriamente dito, cujo maior expoente foi Tarsila do Amaral (AMARAL, 1970, p. 103).

Além de pensadores daquele período que influenciaram o movimento modernista brasileiro diretamente como o escritor Oswald de Andrade, que era adepto ao “Manifesto Futurista”, ressaltam-se os artistas visuais que inspiraram a transformação da manifestação. Como duas exposições de relevância nessa transformação visual e cultural, Lasar Segal, em 1913, e a de Anita Malfatti, em 1917 (PROENÇA, 2011). A obra que criou grande polêmica para a comunidade acadêmica da época foi o Desenho do Torso de Malfatti, em 1917, uma pintura que destaca uma figura humana com suas impressões de força e movimento. Mas, muito criticada por Monteiro Lobato em uma publicação no jornal “O Estado de S. Paulo” em 20 de dezembro do ano de 1917, como é citado no documentário sobre a Semana de Arte Moderna e Modernismo Brasileiro (produção feita no ano de 2021 com direção de Helio Goldsztej), transmitido como episódio no site do SESC. As novas propostas artísticas modernistas nem sempre eram aceitas, principalmente por intelectuais tidos como tradicionais, como é o caso de Monteiro Lobato (1917):

Há duas espécies de artistas, uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para concretização das emoções estéticas os processos clássicos dos grandes mestres. A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e

interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidos cultura excessiva. São produtos de cansaço e de sadismo de todos os períodos de decadência (LOBATO, 1917, p. 1).

Com novos pensamentos progressistas e modernistas que o movimento vinha constituindo, tendo a existência das diferenças entre a arte, os tradicionais academicistas acreditavam que arte era fiel a cópia e os modernistas almejavam uma certa liberdade criativa, erudita e popular. Vê-se a necessidade então de união, criar um grupo de artistas ou coletivo artístico entre arquitetos, desenhistas, pintores, escultores. Esse grupo tinha um ideal de revolução cultural como de buscar uma identidade nacional, regional, sendo instigado pela aceleração do tempo que a cidade de São Paulo proporcionava na época (SESCTV, 2021).

O grupo de artistas era constituído pelos seguintes nomes: Graça Aranha (1868-1931), Victor Brecheret (1894-1955), Plínio Salgado (1895-1975), Anita Malfatti (1889-1964), Menotti Del Picchia (1892-1988), Ronald de Carvalho (1893-1935), Guilherme de Almeida (1890-1969), Sérgio Milliet (1898-1966), Heitor Villa-Lobos (1887-1959), Tácito de Almeida (1889-1940), Guiomar Novaes (1894-1979), Zina Aita (1900-1967) (AMARAL, 1970).

O evento foi idealizado por Di Cavalcanti e propagado pelo poeta e escritor Mário de Andrade, que tiveram como ideal ocupar um espaço de grande prestígio na sociedade paulista, o Teatro Municipal de São Paulo. Inaugurado no ano de 1911, expressão de riqueza e progresso, foi considerado marco no desenvolvimento urbano da cidade, também, com os princípios ecléticos, representou a burguesia paulista na década de 20 (PROENÇA, 2011). Um aspecto interessante que Menotti (1970) traz em uma publicação no correio Paulistano em 1922, é que em São Paulo, diferente de outras províncias da época, formava-se uma ideia de modernismo futurista: “[...] São Paulo que, sendo. Berço de um futurismo racial, industrial, econômico – é berço do futurismo cultural. Futurismo artístico, tão sadio, tão moderno, tão vivo como o mais envolvido de todo o resto do mundo.” (MENOTTI *apud* AMARAL, 1970, p. 117).

Destaca-se como importante para o acontecimento da Semana, a união entre cariocas e paulistas. Os eventos e festivais que aconteciam na Europa, nesse período, foram de grande referência para a arquitetura do evento no Brasil, sendo curioso que o nome anteriormente seria Semana Futurista, modificado logo após (SESCTV, 2021, 24min). Ainda, sobre o documentário Sesc TV (2021), este remete a pensar nos aspectos que fomentavam esse Coletivo e o evento na década de 20. Instiga a refletir sobre a base cultural de um local, a nação, ainda mais pensando na modernidade, “[...] se marca por contradições, na arte é processo, mas é uma proposta de rompimento de padrões estéticos vigentes”, citado pela professora Maria Eugênia

Boaventura (2020). O aspecto importante do evento era de afirmação muito grande, o grupo queria formar uma nação dentro de uma nação.

2.2 Coletivo Colmeia Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas

O Coletivo Colmeia Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas tem sua origem no ano de 2012. Seus idealizadores foram Dalmo Dal Molin e Clóvis Truppel. Mas houve acontecimentos que antecederam o processo de constituição do movimento. Inicialmente ressaltam-se ações como o “Vamos Si Uní”, grupos da gama artística urbana, jovens, estudantes e a comunidade, que ocupavam espaços públicos em depredação e descaso do Poder Público na cidade de Blumenau (ROSA, 2018).

O Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau (FITUB) criado pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), em 1987, também tem sua relevância para compor as tensões anteriores a criação do evento Colmeia. Em 2009, o Festival não aconteceu devido a questões políticas. Nesse mesmo ano, ocorreu o evento “Nosso Inverno”, como contrapartida aos interesses públicos da cidade de Blumenau. O evento teve a duração de 24 horas, idealizado por artistas locais independentes (RICARDO, 2009).

Nesse contexto, os grupos de artistas independentes que ocupavam esses movimentos citados anteriormente, mobilizaram-se no ideal e foco da criação de um evento e coletivo multicultural que ocupasse um espaço de grande representação da elite da sociedade Blumenauense, o Teatro Carlos Gomes. Na “Carta Colmeia”, que anualmente tem modificação, devido ao aspecto de o Coletivo estar em constante transformação, resalta-se a integração de diversos segmentos das linguagens artísticas, em que o foco é propor a fruição e vivência da arte, além disso, há um interesse principal na fomentação de cultura, ampliando as redes de contato entre os âmbitos público e cultural, gerando uma autonomia dos envolvidos na proposta (COLMEIA, 2022).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que é vigorosa a composição de um coletivo artístico ou multicultural para estabelecer relações tanto sociais, políticas e culturais. Existe potência nas ações que se apresentam, nas modificações de espaços públicos e privados, ao constituir um grupo com um objetivo idealizado. Observa-se que há uma capacidade de atingir os recursos para realizar qualquer propósito, concretizando, assim, as ideias.

A Semana de Arte Moderna foi uma dessas modificações históricas. Um grupo de artistas, escritores e agentes culturais, que em sua época questionou as necessidades da

modernidade, criou novas formas de ler a arte, fruir arte e questionar suas tendências, pois a arte academicista já não fazia mais sentido com o que que acontecia no mundo. O Brasil vivia uma regressão do conservadorismo estético, havia uma necessidade de ampliar a particularidade cultural, em uma valorização do novo, por meio da vanguarda europeia que se apresentava como uma tendência, mas modificada para portar características brasileiras.

Nesta pesquisa, estudaram-se dois eventos em diferentes períodos históricos e geográficos, que transcenderam tempo e espaço. A Semana de Arte Moderna, no início do século XX, com a sociedade paulista em plena transformação futurista e política; e o Colmeia, que buscou seu espaço para realização de manifestações artísticas dando acessibilidade à arte em contraposição à cultura germânica hegemônica da cidade de Blumenau no ano de 2012. Ambos os eventos ocuparam um local de prestígio social e representatividade elitista: a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo e o Coletivo Colmeia no Teatro Carlos Gomes de Blumenau. Aqui se vê uma semelhança entre os dois movimentos: a necessidade de ocupar um espaço tido como aristocrata pelos artistas modernistas e contemporâneos, representantes de uma contracultura, na urgência de serem ouvidos, marcar presença e conquistar um espaço para suas manifestações artísticas.

Outro aspecto de similaridade entre os dois eventos é a unificação e o fortalecimento do ramo artístico de diferentes linguagens e universos na criação de um coletivo de pessoas, artistas e pensadores em um só enfoque. Ambos tiveram seus idealizadores, que arquitetaram a ideia inicial, pessoas que teriam um certo domínio de movimentos culturais nos dois eventos citados, sendo de grande importância para a realização dessas revoluções culturais. Essa soma, com a pluralidade que os dois eventos apresentaram, contribuiu muito para sua existência.

Outra peculiaridade é a contribuição histórica, cultural e artística que os dois eventos propiciaram à história da arte: a Semana de Arte Moderna viabilizou uma nova perspectiva e proposta para uma arte nacional com distinções modernistas; e o Coletivo Colmeia contribuiu para ampliação do conhecimento e reconhecimento da arte e artistas contemporâneos da cidade de Blumenau e região. Conhecer esses aspectos históricos e culturais são de extrema valia para professores de Arte, pois ampliam sua carga teórica de saberes e servem de conteúdo para a sala de aula, principalmente aos professores da região de Blumenau, para um referencial da arte local.

Conclui-se que grupos artísticos são relevantes por sua potência por meio de união e organização, e que a repercussão desses dois eventos vem ao encontro da necessidade de

mudanças e de fazer valer as suas expressões. Os artistas possuem o direito de manifestação, o direito de ser artista e de fazer arte em vários espaços, de fazer parte de uma história cultural e artística, além de ampliar o olhar e as discussões para os eventos que aconteceram e acontecem, em ações coletivas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. A. **Artes plásticas na Semana de 22: subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 99-156.

COLMEIA - **Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas**. Carta COLMEIA. Blumenau. 2022.

LOBATO, M. **A Propósito da Exposição Malfatti**. O Estado de São Paulo, 20 dez. 1917.

PROENÇA, G. **História da arte**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 307-309.

RICARDO, F. **Vc repórter: evento multicultural faz manifesto pela arte em SC**. Portal Terra. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/vc-reporter-evento-multicultural-fazmanifesto-pela-arte-em-sc,aebd68f40d94b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17 abr. 2022.

ROSA, R. R. **A insurreição dos artistas pela descafetinagem da vida: o Colmeia como prática de afirmação da pluralidade cultural em Blumenau**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional De Blumenau, Blumenau, 2018. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/MO/2018/365983_1_1.pdf. Acesso em: 9 abr. 2022.

SESCTV. **22 em XXI, Semana de 22, seus antecedentes e seus realizadores nas palavras de historiadores, artistas, filósofos e ativistas**. 2021. Direção: Helio Goldsztejn. Produção: Dani Correia. Intérpretes: Anderson Negreiro, Erica Puga, Marcelo Diaz, Maria Manoella. Roteiro: Fabio Bandi Torres. Música: José Paes de Lira. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/22-em-xxi/>. Acesso em: 19 mar. 2022.